CINEMA E VÍRUS, PASSADO E FUTURO

CINEMA AND VIRUS, PAST AND FUTURE

Luan Carpes Barros Cassal

Resenha do livro

CASCAIS, António Fernando; FERREIRA, João (Orgs). *O vírus-cinema: cinema queer e VIH/sida*. Lisboa: Associação Cultural Janela Indiscreta, 2018.

Estação Avenida, linha azul do Metropolitano. Saio em uma calçada cheia de árvores, ao lado de uma movimentada via. À frente, um cinema antigo, com quase sessenta anos. Desvio de pessoas, bancadas, poltronas. Pego alguns prospectos de festivais de filmes. Subo um andar. No meio da escada, uma vitrine com cartazes de alguns filmes. Entro em uma gigantesca sala (dizem que já foi ainda maior antes da divisão das salas do térreo, imagine só). O cinema está lotado, repleto de pessoas que não tive a oportunidade de conhecer em vida.

De 13 a 22 de setembro de 2018, o Cinema São Jorge recebeu a 22ª edição do Queer Lisboa – Festival Internacional de Cinema Queer. Além de exibições e mostras competitivas de curtas e longas metragens ficcionais, documentários e filmes artísticos, esta edição também contou com um programa especial intitulado "O vírus-cinema: cinema queer e VIH/sida", desdobrado em um ciclo de exibições, uma exposição e o lançamento de livro de ensaios homônimo, organizado por António Fernando Cascais e João Ferreira.

Fui uma das crianças que nasceu em meio à epidemia mundial de Sida, que construiu gostos, prazeres e relações mediadas por tecnologias sofisticadas, preservativos, profilaxias (PEPs[1] e, mais recentemente, PrEPs[2]), oficinas de educação sexual, lubrificantes aquosos. A história da Sida, das pessoas

1. Profilaxias Pós-Exposição
2. Profilaxias Pré-Exposição

que viveram e morreram, marcam meu caminho, mesmo quando não me apercebo. São sempre dispositivos negociados, às vezes com as parcerias, às vezes consigo próprio. A história continua a dizer como vivemos e morremos. António Fernando Cascais explica:

> De certo modo, escrevemos agora depois da sida. Não porque uma cura ou uma vacina eficaz a tenham pura e simplesmente feito desaparecer do horizonte da nossa experiência, ou porque o desfecho da infecção pelo VIH tenha deixado de ser invariavelmente fatal se ela ficar entregue ao seu livre curso. […] Com efeito, o medo da sida já não é o que era, o medo do que ela é capaz de nos fazer. Na verdade, porém, o que mais contribui para o atual clima de 'pós-sida' não é a atenuação da ameaça que ela foi para a saúde, mas o progressivo esquecimento da ameaça simbólica que ela representou para as sociedades quando longo no seu início. (CASCAIS in CASCAIS; FERREIRA, 2018, p. 24).

O medo da Sida é anunciado como ponto superado, seja pela suposta superação do preconceito, seja pelo desenvolvimento das tecnologias. Não obstante, recentes relatórios indicam o crescimento da detecção de VIH/sida, tanto no Brasil[3] quanto em Portugal[4]. A implementação de políticas públicas em torno da prevenção da epidemia está em pleno funcionamento: o Brasil está a implementar uma política de distribuição gratuita de PrEP para populações consideradas vulneráveis, com meta de alcance nacional, enquanto Portugal percebe um decréscimo nas infecções por usuários de drogas injetáveis desde a descriminalização do porte de drogas (UNAIDS, 2018). Como alerta-nos Walter Benjamin (2012) em seu texto derradeiro de 1940, tomar o progresso histórico como uma verdade natural e estabelecida, garantida pelo desenvolvimento técnico-científico, silencia as histórias e vidas que foram destruídas ao custo do progresso. Quem viveu e quem morreu para o mundo que temos hoje? Para perturbar a suposta tranquilidade do presente, Cascais e Ferreira disputam diretamente a história e a memória em uma lógica que não é de superação, mas talvez de reconhecimento e valorização.

O ciclo de exibições coloca ao meu lado realizadores, atores, roteiristas e produtores que responderam ao início da epidemia, quando diversos governos e veículos da media internacional recusavam-se a falar sobre o assunto. Mais ainda, quando os veículos hegemônicos passaram a fazê-lo, produziram uma representação fechada de pessoas com Sida ora como vítimas, ora como algozes. Os filmes em tela e os variados ensaios afirmam a resposta ética, estética e política e a importância da arte para criar condições de sobrevivência das pessoas e das histórias. É uma reivindicação descrita por Douglas Crimp, em sua também

3. Cf <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/ministerio-da-saude-registra-aumento-de-casos-de-hiv-em-2016.ghtml>
4. Cf <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/notificacoes-de-sida-crescem-34-por-cento>

coletânea de ensaios *Melancholia and moralism: essays on AIDS and queer politics*:

> *Having learned to support and grieve for our lovers and friends; having joined the flight against fear, hatred, repression, and inaction; having adjusted our sex lives so as to protect ourselves and one another – we are now reclaiming our subjectivities, our communities, our culture... and our promiscuous love of sex.* (CRIMP, 2002, p. 81).

A escolha dos filmes, com foco principalmente nos anos 1980 e 1990, traz à cena histórias que foram abreviadas, mas nem por isso tornaram-se vítimas. Cada filme afirma a possibilidade de muitas histórias, face a desassistência do poder público e dos laboratórios de pesquisa e produção farmacêutica; o enfrentamento à violência e discriminação que permanece ao longo das décadas; a inventividade para estabelecer tanto lutas quanto relações e alegrias. Se hoje há campanhas de prevenção, distribuição de preservativos, oferta de exames, acesso a tratamentos, isso não se deu por um processo contínuo e pacífico, e muito menos por benevolência do poder público ou das corporações de saúde. O livro (e os filmes) retratam e recuperam as lutas incessantes que provocaram rupturas em um projeto estabelecido de deixar morrer. Exigiu sangue, que facilmente escorre esquecido por novas gerações. Este livro a recuperação da história a partir de diferentes entradas e temporalidades. "O dom de despertar no passado as centelhas de esperança é *privilégio exclusivo* do historiador convencido de que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer" (BENJAMIN, 2012, p. 243-244, grifos do autor). Os mortos ainda têm algo a nos dizer, ocupam a sala com tudo que a vida foi, poderia ser, nunca será. A partir daí, responsabilizam-nos com um legado: o que vamos fazer e contar sobre Sida, sobre mortes e vidas, sobre prevenções e tratamentos, sobre a formação de comunidades. É mais do que uma temática, mas a afirmação de modos de viver, perceber e expressar o mundo. Por isso, as escolhas do festival e da coletânea de textos apostam diretamente com o New Queer Cinema, como explica João Ferreira:

> […] os realizadores do New Queer Cinema não temem a associação das suas personagens a essa ideia de 'monstro', não temem explorar o abjeto […]. O New Queer Cinema não renega essa história, antes subverte-a, resgatando estes monstros abjetos, para lhes dar nova força política e sexual. (FERREIRA in CASCAIS; FERREIRA, 2018, p.74).

O livro não é um simples catálogo. Trata-se de um monumento, com textos sobre cada filme a prestar homenagens, críticas e reflexões tardias. Por vezes, dos próprios realizadores da obra; de amigos nunca apresentados; de pessoas próximas; de espectadores atentos; de críticos e analistas. Com formações variadas, articulações teórico-políticas diversas, propostas estéticas diferentes. Por fim, o livro traz uma cronologia de eventos relevantes para a questão de Vih/Sida a nível mundial

e especificamente em Portugal, além de uma extensa filmografia e videografia de 1983 a 2018, fruto de um esforço dos organizadores com o acervo do Queer Lisboa e alguns contributos estrangeiros. Esses materiais possibilitam novos e variados encontros de pessoas de diferentes idades e experiências em relação à VIH/sida. É um esforço de legado e de enfrentar as políticas de silenciamento e morte, que não ficaram restritas ao passado.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª edição revista [Obras Escolhidas v.1]. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CRIMP, Douglas. *Melancholia and moralism: essays on AIDS and queer politics*. Massachusets: MIT Press, 2002

UNAIDS. *Miles to go: closing gaps, breankin barrers, righting injustices (Global Aids Update 2018*). Geneva: Joint United Nations Programme on HIV/AIDS, 2018.